



LA VILLE DE PARIS IMPORE DIEU
POUR LES VICTIMES DU CHOLERA!!!

AUX VICTIMES
DU
CHOLERA

A CHOLERA.

VOL. I. — 3.^a SERIE.

OCTOBRE 9. 1832.

C. M. L.
GABINETE
DE SEJUS
OISEL...

GRUPO EM MARMORE, POR M. ETEX.

PARIS, a capital do mundo moderno, a cidade monumental por excellencia, vae perpetuar a memoria de uma das maiores calamidades que tem affligido a humanidade, erigindo em uma das suas praças o grande e severo grupo que a nossa gravura representa.

Quem se não recorda com angustia d'esses dias horrorosos em que a morte feria rapida, sem tréguas, a cada hora, a cada minuto, todas as classes, todas as edades. Quem não sentiria então rebentarlhe no seio, mais abundantes e fecundas, as fontes santas do amor do proximo, e do temor de Deus! Vergando aos golpes do flagello invisivel, cada um de nós comprehende melhor a sua fraqueza, a necessidade de amar, de socorrer os seus semelhantes, e de confiar só no Supremo Redemptor! Esta caridade, esta piedade têm em si a propria recompensa, como todas as virtudes; porque confortam a nossa coragem e alimentam a nossa esperanza. O artista idealizou uma e outra na figura principal do grupo, que representa, até certo ponto, todos os habitantes sob a personificação da cidade de Paris. Como carinhosa mãe ella abraça as duas mais fracas d'entre as victimas; o velho, cujos olhos meio cerrados procuram o céu, e o adolescente, que fita na terra um derradeiro olhar de saudade. O sentimento da dôr na figura da cidade de Paris é simples e digno; não altera a belleza das linhas; um movimento da cabeça e do pescoço bastou ao artista para exprimir a idéa moral, na proporção permittida pelas regras sublimes da arte. Uma dôr como esta pôde viver eterna no marmore; contorsões do corpo, refrangimento no rosto, teriam apenas produzido a imagem do desespero, que nunca é de larga dura, e que difficilmente se presta a uma bella expressão. O velho, de que na gravura apenas se vê a cabeça e uma pequena parte do corpo, verga sob a violencia da molestia; para este a morte é a maior mercê que lhe Deus pôde fazer. O adolescente vede sem lutar.

O pedestal é de uma fôrma e côr severas, quaes convinhão ao objecto. — Finalmente esta obra, que foi concebida em Roma, pelo illustre auctor do grupo de Caím e Abel, é digna dos melhores tempos da esculptura, na opinião unanime dos entendidos.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

INSTRUÇÕES DADAS AO COADJUTOR DE BERGAMO, NUNCIO EM PORTUGAL NO TEMPO DE D. JOÃO III.

.. Na ordem de S. Domingos ha um frade tambem de Castella, que se chama o Padeglier, prégador e litterato, homem de má vida e audaz. Este, reformando o convento de Lisboa, incorreu publicamente na bulla *in Cena Domini*, recusando obedecer ás provisões do papa, fazendo despojar o Notario, e extorquir-lhe as letras Apostolicas pelos officiaes reaes; os quaes depois com elle mostraram absolvição por penitencia, e mesmo excommungado continuou a prégar. O que sendo publico o nuncio de N. S. e outros muitos nunca mais o visitaram, nem ouviram como d'antes costumavam. Diz-se que elle vem a Roma ao Capitulo, se cá não está a esta hora.

.. Na ordem de S. Jeronymo ha um frade de Valencia, chamado Fr. Miguel, com reputação de optima vida; é liberalissimo e procede isentamente com os seus confessados, cousa rara em frade: tanto

que por não querer absolver o rei uma vez, não foi mais chamado para o confessar, e por isso o substituiu o referido Fr. João Soares.

« Ao pé do rei nas cousas grandes tem summa influencia o infante D. Luiz, por auctoridade que assumiu sobre elle quasi violentamente; e o conde da Castanheira por extrema affeição, que o rei lhe consagra. Este é homem malvadissimo, mas louva-se de delicadesa, de consciencia, e de santidade, afim de por este caminho se introduzir na intimidade dos frades que não largam as ilhargas do rei. O pae do conde foi traidor, e desterrado; e o irmão mais velho pelo mesmo crime foi publicamente esquartejado. O conde de Vimioso, filho do bispo d'Evora, tambem tem credito com o monarcha. Ambos elles possuem muitos bens ecclesiasticos por via dos frades. Póde-se-lhes insinuar a vontade de N. S. o papa.

« Os doutores da Relação têm muita valia com o rei, e de ordinario são insolentissimos nas cousas ecclesiasticas; se os deixam, fazem todo o mal possivel, nada respeitando. A estes, diz-se, que é necessario que o nuncio feche a boca empregando a sua auctoridade

« O rei e seus irmãos, ou por causa dos frades com quem tratam a miudo, e de cujas letras e consciencia se fiam, ou por causa de alguns homens máus, de quem ouvem conselhos, não mostram bom animo pelas cousas de Roma, elevando-as porém ás nuvens, sempre que requerem d'ella alguma graça. E o motivo porque tanto se temem dos nuncios, diz-se que é por metterem a mão de boa vontade, sempre que pôdem, nas cousas da jurisdicção da igreja, não tanto para a expoliar, como para governar, nomeando priores e abbades, elevando-os por considerações particulares, e chamando ao seu tribunal os clerigos, e outras semelhantes usurpações. Mas sempre fazem profissão de proceder em tudo segundo o conselho dos religiosos, em serviço de Deus e de S. S. Ao mesmo tempo todo o povo portuguez por índole se mostra obedientissimo á Sé Apostolica, sendo religiosissimo; e não convem divertil-o de modo algum da sua devoção, não o deixando nunca sair do caminho. Em se tendo o character de nuncio, e exercendo a auctoridade apostolica, esta contém a todos, e não a contesta ninguem, principalmente desde o tempo do papa Paulo, salvo algum dos que se acolhem aos que estão ao lado do rei, e é preciso comprimir-os, aliás ham de apanhar quanto puderem colher.

« A nobreza e grande parte do povo não se pôde apartar de fôrma alguma da influencia da Sé Apostolica, nem mover-se fóra d'ella, porque todos, ou por causa das commendas, ou dos beneficios com o habito, ou da emphyteusis, ou de parentes clerigos vivendo dos bens da igreja com bullas e provisões apostolicas, se inclinam a Roma; e sem ella nenhum se crê seguro, como podem attestar os nuncios anteriores e a Penitenciaria, e não ha difficuldade ou duvida, por minima que seja, que não desejem resolvida por favoraveis provisões de Roma.

« As cousas em que o rei de Portugal (e este sobre tudo parece-me que não fará nada sem a Sé Apostolica) é facil em incorrer continuamente em censuras, acrescendo outras dividas á Camara, são as seguintes:

« As commendas nomeam-se sob condicção dos commendadores dentro de oito mezes serem obrigados a tirar nova provisão, pagando os respectivos direitos á Camara Apostolica, e passando o dito tempo sem a tirar, as commendas ficam vagas e os fructos pertencem á Camara Apostolica pelo tempo que os commendadores se obstinam na contumacia. São tantos os que as não têm tirado, e fruem as rendas depois

dos oito mezes, que se julga certo, que a sua divida á Camara Apostolica excede a 100,000 escudos!

«Logo que se faça a revogação da união perpetua que não teve effeito, de proposito, e que seja revogada a bulla das commendas por vagar, não se julgando obtida a rivalidação, existe quasi um terço d'ellas, que precisa de nova concessão.

«A mercadoria principal que o rei manda ás Indias para resgatar especiaria, consiste em immensas carregações de cobre e bronze, que todas são vendidas aos infieis, os quaes fazem d'elle artilheria bellissima, havendo na India regulo, que possui maior copia e melhor do que toda a que o imperador, ou o rei de França possuem. Isto é expressamente opposto á letra da bulla *in Cena Domini*. Isto, se conseguissemos evital-o, cortaria metade das contestações, porque da sua continuação é indubitavel que resulta summo prejuizo á christandade.

«Entre as leis do reino muitas existem contra a liberdade ecclesiastica, e os sagrados canones; e entre ellas uma, que manda a todos os prelados, ou protonotarios e outros semelhantes, cuja isenção defendemos, e que não têm no reino juizo ordinario, que sejam obrigados a responder perante o juiz secular, chamado corregedor da côrte. De fórma que está em muito melhor situação o mais pobre e baixo clero, do que os isentos por bulla pontificia; visto aquelles irem ao fóro ecclesiastico do seu prelado com appellação para o papa, e estes responderem perante o juiz secular, naturalmente inimigo dos padres e dos nuncios, sem appellação alguma. É por causa d'esta lei incorrem de continuo nas censuras e morrem fulminados por ellas. Este abuso só por si bastava para haver sempre nuncio em Portugal, ao menos para os escusos terem o seu juiz.

«Os commendadores e cavalleiros na milicia do reino são freires professos, e como taes prohibidos de julgarem causas crimes, e de tocarem em cousa de sangue; mas usualmente quasi todos são juizes, e raro será o juiz criminal, que não traga ao peito a cruz de alguma ordem, facto em extremo escandaloso, sabido e apontado de todos, que não se remedeia, quando por todo o direito ficam nullas as suas sentenças.

«Ordinariamente quando um juiz ecclesiastico faz cousa que desagrada ao rei, ou alguma sentença dos seculares, por injustissima e violenta, é desobedecida dos padres, de repente, a requerimento de quem quer, se faz uma carta regia chamando-o á sua presença para ser ouvido em materia de seu serviço. A estas cartas chamam cartas da Camara real. Se o padre vem ao paço, o rei nem lhe falla nunca, nem o deixa partir da côrte, fazendo-o gastar quanto possue, morrendo n'ella. É necessario que o que deseja retirar-se revogue a sentença ou obedeça ás ordens dos seculares. Aos que recusam vir sequestram-lhe as rendas. O que é uma servidão cruel expressamente attentatoria da liberdade ecclesiastica e da auctoridade da igreja.

«Descubriu-se agora em Portugal um novo meio de usurpar a jurisdicção ecclesiastica; e consiste em o rei crear um auditorio ou parlamento chamado — Meza da consciencia — composto de padres, seculares, frades e prelados, para conhecerem de tudo com tanto que se diga, que é cousa de consciencia; e a pretexto d'esta consciencia mandam, limitam, fazem e desfazem cousas gravissimas contra os prelados e outros ecclesiasticos, sem jurisdicção nenhuma do papa nem dos seus legados, sendo aliás incompetentissimos os juizes em tudo o que sentenciam. A origem e a côr com que se fundou foi a pretexto do rei querer que esta Meza da consciencia por ser de pessoas litteratas, honradas e religiosas, lhe lembrasse

as cousas de consciencia. E quando alguém requeira ao rei alguma cousa de satisfação ou de divida por caso de consciencia, que houvesse, onde elle apresentasse as razões da sua pretensão ordinariamente. Em taes casos a Meza limita-se a dizer ao rei, sobre aquillo em que é consultada, que a consciencia o não obriga, ou por consciencia não póde permittir. E o fim d'isto é sabido e censurado de alguns, e d'aqui provém grave damno á liberdade e jurisdicção ecclesiastica.

«O rei entregou nas mãos dos mouros e infieis duas ricas e importantes terras. Uma, que era bispado, e se chama Zafin, e a outra sujeita a este bispado e com igrejas consagradas, em que se celebravam os officios Divinos continuamente. E machinando já d'outras vezes fazer isto mesmo achou resistencia em todos, dizendo que a fazer-se se não podia comumar sem auctorisação da Sé Apostolica e causas justificadissimas. Agora fez-se em uma e outra, e diz-se que só com provisão da Penitenciaria. E o mesmo se falla da questão do cobre e bronze, que vão para a India; porque sabe que prohibindo-se como é rasoavel, teria elle de pagar uma grossissima composição, por ser materia de summa importancia.

(Continúa.)

DUAS PALAVRAS SOBRE HOSPITAES.

III.

Eu desejava apresentar n'este artigo algumas considerações, que pudessem servir para a historia dos hospitaes do nosso paiz. Mas os elementos para esse trabalho são tão escassos, ou andam tão dispersos pelas chronicas das ordens religiosas, por bullas e breves pontificios, por instituições de capellas, por testamentos de bemfeitores, por estatutos de diversas congregações e irmandades; e eu tenho tão poucas porções de os ler e estudar, e além d'isso, seria empresa tanto acima dos meus recursos, que é forçoso resignar-me, e emittir apenas algumas proposições conjecturaes, algumas opiniões sem nexos, sem applicação nem fundamento talvez, e certamente sem nenhuma casta de merito. Ninguém póde dar mais do que tem. Esta impossibilidade, no meu caso, é um verdadeiro supplicio.

A idéa d'erigir hospitaes e albergarias, de nenhuma parte creio que nos veio directamente, senão da Italia, que fôra por muitos seculos o grande centro de luz e verdade, que o christianismo derramava sobre o mundo. Foi d'ali que todos os povos modernos receberam um impulso de piedade religiosa, que nem o fanatismo e hypocrisia clerical, nem o philosophismo incredulo e apaixonado puderam destruir de todo. Foi da Italia que vieram ao nosso paiz os monges de S. Bento, que levantaram os primeiros mosteiros que houve em Portugal. Mandados, segundo se diz, pelo proprio Santo, seu patriarcha, não podiam ignorar que em Jerusalem, junto ao templo destinado á oração, e na dependencia d'um mosteiro da sua ordem (o de Santa Maria dos Latinos) se havia erigido um hospital para recolher os peregrinos e os enfermos.

É um facto, que só per si fôra bastante para supprimos os monges animados do espirito d'imitação e propaganda, a que se deveu a maior parte dos estabelecimentos de caridade. Edificando as suas casas, não é provavel que esquecessem o dever, que a religião lhes impunha, d'agasalhar, d'assistir e soccorrer os necessitados; e muito menos provavel me pa-

rece que deixassem d'aconselhar a erecção d'albergarias e hospitaes.

A historia d'estes estabelecimentos prende, de certo modo, na das dioceses e abbas. Em toda a parte os bispos e os monges tinham por costume recolher e tractar os pobres e enfermos. S. Fructuoso, n'um dos capitulos da sua regra, lembra ao pastor, que guardava o gado do mosteiro de Dume, que da sua industria dependia o *regalo dos enfermos, a criação dos meninos, e o gasalhado dos hospedes*. Tratando das cousas que podiam provar o merecimento do abbade, diz que é uma d'ellas *receber sempre á sua mesa os peregrinos que viessem ao mosteiro*. Ao prior impoz a obrigação de dar contas ao abbade, *todos os mezes*, para que a fazenda do mosteiro não deixasse de socorrer os necessitados.

E em tempos muito anteriores a S. Fructuoso (no seculo 3.^o) tão particularmente se dedicavam os bispos ao serviço dos pobres, que não podiam cumprir muitas das suas attribuições, parte das quaes incumbiram a uns vigarios, ou *chorepiscopos*, que faziam as suas vezes nas aldêas.

Quaes fossem, porém, não digo as primeiras casas d'hospitalidade, senão os primeiros hospitaes que se erigiram em Portugal, destinados principalmente ao tratamento dos enfermos, não o posso eu saber. Essa averiguação cumpre que a faça pessoa competente. Alguns d'aquelles mesmos, cuja fundação nos é conhecida, tiveram origem em eras, que não é possível signalar precisamente. Por exemplo: o hospital das Caldas da Rainha. Achareis em muitos livros, que foi obra da piedosa rainha D. Leonor, mulher d'el-rei D. João II, a qual, por vêr ali alguns pobres enfermos mettidos em presas, e ser informada das maravilhosas curas produzidas por aquellas aguas, se resolveu a mandar construir, á sua custa, o dito hospital. Mas também é certo, posto que não seja tão sabido, que ali em tempos muito remotos — nos dos romanos, provavelmente — tinham existido um hospital e banhos. Duravam ainda os vestigios d'elles, quando a senhora D. Leonor mandou levantar aquelle estabelecimento, como se colhe das palavras do respectivo breve pontificio, e das do alvará de seu esposo, auctorizando a obra.

Eu já me contentava, se, pretermittindo epochas, para mim tão cercadas de trevas, pudesse levar o meu estudo até os principios da monarchia, e partir d'ahi para fixar as datas das primeiras fundações dos nossos hospitaes, sem o espirito se me enredar em duvidas, e ás vezes também n'alguma anecdota patriótica e milagrosa, como a do hospital de *Pedro Escuro*, ou do *Reclamador* em Santarem.

Do que Fr. Agostinho de Santa Maria diz no *Sanctuario Marianno*, ácerca dos eremitas de Nossa Senhora de Rocha-amador, póde inferir-se que já no tempo do segundo rei de Portugal (D. Sancho I) havia no reino grande numero de hospitaes. Não faltará quem tenha por contestavel o facto; e realmente é para notar, que a liberalidade de D. Sancho no seu testamento, se estendesse só a dous hospitaes: — o de Captivos, em Santarem, ao qual deixou as suas vaccas, ovelhas, eguas, herdades, porcos e porcas, e uma parte do remanente do gado que tinha em Évora; e o de Gafos, em Coimbra, para cuja feitura deu da sua arca, ao abbade d'Alcobaça, dez mil maravedis, deixando aos leprosos d'aquella cidade *todas as cousas da sua repostaria*, excepto as vestiduras, escaletas, lenços, colgaduras e colchas, que quiz que ficassem á rainha D. Sancha. Vem também contempladas no dito testamento, quatro albergarias, uma com duzentos maravedis, e as outras com cem cada uma: ao todo quinhentos maravedis.

Ora, se havia muitos hospitaes e albergarias no reino, perguntará alguém: porque contemplou D. Sancho no seu testamento unicamente seis?

Não quero affirmar que havia muitos nem poucos, mas parece-me que do testamento declarar só seis não póde concluir-se que não havia muitos mais. Que concluiríamos então do testamento de D. Afonso II, onde foram contemplados tantos mosteiros, e se não mencionou expressamente nenhum hospital? Eis-aqui as unicas palavras do rei, que pódem referir-se áquelles estabelecimentos: «É do que restar d'esta minha terça mando que repartam e despendam com as igrejas pobres do meu reino, pontes e leprosos, como mais lhe parecer conveniente.» Ninguém, todavia, argumentará, que no tempo de D. Afonso II não havia em Portugal nenhum hospital nem albergaria, porque no testamento do rei não se faz d'elles menção.

Não só não posso dizer quaes foram os primeiros hospitaes que houve em Portugal, senão também, quantos existiam no principio da Monarchia. Entretanto, não deixarei de proseguir no meu intento, que é tirar dos poucos factos, que pude colligir, algumas illações, que não desdigam das idéas, e da indole da antiga sociedade portugueza.

(Continúa)



AS PROVINCIAS VASCONGADAS. (*)

(NOTICIA HISTORICA.)

O povo Vascongado é sem duvida um dos mais antigos que existem em Hespanha e ainda na Europa, e segundo referem respeitaveis historiadores, confor-

(*) Veja-se na collecção do Panorama, o Vol. V, da 1.^a Serie, pag. 189 e 199.

memente com as tradições que os vascongados e irlandezes receberam de seus maiores, os primeiros passaram a Irlanda, dois seculos depois da chegada de Tubal á Hespanha, e a povoaram. A similhaça de caracter e as sympathias que entre vascongados e irlandezes se tem sempre notado, o confirmam até certo ponto; porque não póde unicamente ser effeito de casual coincidência.

Entre os acontecimentos remotos que quasi tocam o dominio da fabula, encontramos uma grande secca, que parece ter durado não poucos annos, deixando ermas as comarcas de Hespanha, á excepção das montanhas septentrionaes, que não experimentaram, pelo menos em gráu tão elevado, aquelle flagello. As pessoas que não foram victimas da fome, e das muitas enfermidades que por essa occasião se desenvolveram, trataram de acolher-se ao unico porto de salvação, retirando-se ás provincias vascongadas. Copiosas chuvas succederam a tão larga e devastadora secca, e pozeram em estado de ser cultivadas as terras que a falta de agua tornára estereis. Então saíram pela segunda vez do paiz Vascongado as familias que foram povoando a superficie da península, e se confundiram com os estrangeiros, que a fama da fertilidade e riqueza do solo hespanhol attraíra de longes terras.

Dos largos periodos que a mingua de noticias nos obriga a passar por alto só diremos que estamos de accôrdo com os que julgam que em Hespanha não havia um soberano, uma auctoridade central cujas ordens se cumprissem igualmente em suas differentes regiões, e que cada uma se governava per si, não estando sujeita, nem querendo sujeitar-se ás demais.

Ninguem ignora que os celtas por uma parte, e os phenicios por outra, invadiram arditosamente o territorio hespanhol, e que, com quanto lhes fosse mui facil enganar os seus singelos habitantes, não poderam reduzir-os por força, quando, largando a mascara, descobriram seus perfidos intuitos. Nem dos mencionados povos, nem dos gregos, e carthaginezes soffreram os vascongados aggressão alguma, servindo-lhes de baluarte o seu valor, a fragura das suas montanhas, e ainda mais a pobreza d'estas, em que os invasores não podiam encontrar metaes preciosos com que satisfazer sua insaciavel cobiça.

Na epocha a que nos referimos eram já conhecidos sob a denominação de cantabros e vascongos, os povos que viviam nas montanhas situadas á esquerda do Ebro. Era a Cantabria uma região vastissima que comprehendia as montanhas de Santander, as tres provincias Vascongadas e a Rioja; ao Oriente da Cantabria ficava a Vasconia, que hoje chamamos Navarra.

Os moradores d'estas regiões eram homens robustos e bellicosos, a intemperie de nenhum modo os molestava, e desprezavam a vida quando a idade avançada lhes não permittia tomar parte nos combates. Alistaram-se muitos cantabros e vascongos no exercito de Annibal, e distinguiram-se mui particularmente, marchando sempre na vanguarda. O poeta Silio Italico faz menção honrosa de uns e outros, e refere notaveis circumstancias que manifestam o proceder d'aquelles em a segunda guerra punica.

Entre tantas occasiões que os hespanhoes derramaram o seu sangue por causas que na verdade lhes não deviam interessar, não faltaram algumas em que commandados por capitães valorosos pelejaram pela sua independencia, e para arrojarem da península estrangeiros ambiciosos, que com successivas guerras lh'a disputavam. A nobre tentativa de Viriato achou echo entre os cantabros que seguiram suas bandeiras, e posteriormente soccorreram os numantinos,

obligando o general romano Caio-Hostilio a levantar o sitio da sua heroica cidade. Uniram-se tambem os cantabros a Pompeio acompanhando-o á Grecia, e como sempre deram provas de inimitavel valor na celebre batalha de Pharsalia.

Temos referido, posto que succintamente, os successos mais notaveis que tem relação com o paiz Vascongado nas epochas que precederam a guerra cantabrica; e nas minguidas e confusas noticias que d'ellas nos restam, acha-se mais de uma vez indicado o caracter dos primitivos cantabros, mui similhante aos actuaes vascongados. Firmeza no cumprir a sua palavra, resignação admiravel em tudo menos na humilhação e na deshonra, odio a toda a casta de novidades e mudanças repentinas. Eis-aqui indicados os principaes pontos de similhaça entre o cantabro, que ha mais de vinte seculos habitava aquellas montanhas, e o que presentemente as cultiva.

Ha uma circumstancia que ainda faz sobresaír mais a observação que acabamos de fazer; esta circumstancia, a muitos respeitos notavel, é a religião. Os cantabros não prestavam culto aos idolos, adorando unicamente um deus desconhecido, ao qual, diz Strabão, festejavam sempre de noite, e mui particularmente nos plenilunios. Quem introduziria esta religião entre aquelles montanhezes? Seria porventura alguma das numerosas phalanges de aventureiros, que sedentos de riqueza invadiram o territorio da península iberica? Cremos que não, e antes o attribuímos ao respeito com que os vascongados conservaram sempre as crenças, as instituições, tudo finalmente que herdaram de seus maiores. N'esse culto de que falla Strabão, achamos o que sem duvida praticaram os primeiros habitantes d'aquellas montanhas.

Entretanto esta nobre tenacidade não garantiu os cantabros dos ataques de um homem soberbo, que não podia tolerar que no mais obscuro e remoto canto da terra deixassem de ser obedecidas as suas ordens. Augusto entendeu que nada valeria quanto em duzentos annos se havia feito, se os cantabros e os asturianos continuassem gosando os seus foros, e apartados das outras gentes. A conquista d'aquelle pequeno territorio julgou-a digna de sua pessoa, e reunindo um poderoso exercito, e cercado-se dos mais afamados generaes, deu principio á guerra cantabrica, na qual, em vez de louros, só encontrou pezares e amarguras sem conto. Poz seus arraiaes em Seguisama, e dividindo as forças em tres corpos, entrou a Cantabria por differentes pontos, ao mesmo tempo que Agrippa bloqueava os portos e conduzia em sua armada um exercito que devia apoderar-se do littoral.

Surpresos os cantabros com tão inesperado successo e vendo que o inimigo enviava numerosas legiões que assolavam tudo, tomaram o unico partido que lhes restava, retirando-se aos mais fragosos logares, e hostilizando d'ali os seus contrarios, que a cada passo se viam sem viveres, investidos e mortos. Cinco annos durou aquella guerra, succumbindo muitas vezes as mais aguerridas hostes dos romanos, já á fome, já ao cansaço, já aos continuos ataques parciaes. Feitos singulares de valor, inimitaveis rasgos de heroismo deveram de succeder n'aquella larga e sangrenta guerra; como, porém, os cantabros não tinham quem as escrevesse, suas façanhas ficaram sepultadas em perpetuo olvido.

As não interrompidas fadigas que avexavam o Cesar, as suas marchas de noite, e o temor que em uma d'estas lhe causou um raio, que matou a seus pés o escravo que o alumiaava, foram causa de perder a saude, e de retirar-se a Tarragona, deixando as suas

tropas sob o commando de Cayo-Antistio. Continuaram as facções militares depois da retirada de Cesar, e conseguiram suas hostes apoderar-se de alguns pontos importantes, com o que se deu por terminada a guerra.

Fez-se paz em todo o mundo, e appareceu no Oriente aquella sublime doutrina que devia regenerar o homem. Á sombra d'este grande successo, os nossos intrepididos montanhezes emprehenderam novamente a guerra e com maior arrojo, recuperando os pontos que nas luctas anteriores haviam perdido, e desbaratando completamente as forças que se lhes oppuzeram. Encarregou-se ao celebrado Agrippa a ardua tarefa de sujeitar os cantabros e asturianos. Foi-lhe adversa a fortuna, chegando á cruel extremidade de ver os seus soldados negarem-se ao accomettimento. Com exemplares castigos, e extrema actividade, e com os soccorros e reforços que de continuo lhe chegavam, pôde tomar a iniciativa, e á custa de rios de sangue conseguiu algumas vantagens, que exageradamente se consideraram como um triumpho.

As relações entre os cantabros e romanos eram frequentes nos periodos de tranquillidade que occorriam n'aquellas horriveis guerras, e o que não pôde a força, que não remedeia males, conseguiu a cordura, a tolerancia e o respeito ás crengas e habitos do vencido; meios que empregados com franqueza, sem doblez, nem hypocrisia sempre surtiram admiravel effeito. Surtiram-o igualmente então, e aquelles que tinham accudido ao combate quando viam que se lhes queria impôr um jugo durissimo, tornaram-se depois nos mais fieis amigos dos romanos, quando estes se contentaram com ser seus allia-dos e protectores.

(Continúa.)

VIAGEM Á PALESTINA POR MR. DE SAULCY.

Sarcophago de David. — Exploração do Mar-Morto.

OS DESCOBRIMENTOS do sabio academico na viagem ao Mar-Morto não são menos interessantes. Os trabalhos e perigos d'esta excursão retrahiam os mais intrepididos exploradores, e alguns pagaram com a vida a ousada empresa. Mr. de Saulcy, homem tanto de acção como de sciencia, decidiu-se a perscrutar aquellas paragens, e executou seu projecto a despeito de riscos e obstaculos. Achou com o auxilio dos textos biblicos, da tradição arabe, e pela inspecção dos logares as ruinas de Sodomá, de Gomorra e das outras cidades da Pentapolis, e descreveu-as como archeologo experiente. Colligiu sobre o Mar-Morto, o valle que o rodeia, a constituição geologica das montanhas proximas, a natureza de suas aguas, e o curso do Jordão, particularidades tão exactas, explicações tão evidentes, desenhos tão authenticos, que é impossivel hoje não se render o mais incredulo ante a concludente certeza dos factos.

Ao primeiro aspecto d'aquelle mar ou grande lago sertanejo, onde Mr. de Saulcy e seus companheiros chegaram pelo valle de Cedron, agradavel admiracão os tomou de subito. A vegetação maravilhosa por aquelle lado, um verdadeiro bosque de canaviaes de vinte pés de altura, os bandos de adens, os passaros que avocjavam e submergiavam-se no lago maldicto, causaram-lhes a primeira sensação de assombro: prestes, acercando-se da praia recamada de materiaes sulphureos e bituminosos, colheram um peixinho morto, levado pela corrente do Jordão ao Mar-Asphaltite, cujas aguas não admittem ser vi-

vente. Rectificaram tambem outro facto: a depressão incrivel do Mar-Morto abaixo do nivel do Mediterraneo. — Esta depressão, calculada por Mr. Bertu mediante observações barometricas, é para mais de mil metros. — A agua é de estremada transparencia; porém, mui salgada e amarga ao mesmo tempo; está saturada de saes em dissolução, e o fundo do lago é coberto de uma crusta crystallizada.

Seguindo a beira do lago encontraram successivamente bosques espessos de canas, tamarindos, e bonitas mimosas, onde cantavam centenaes de passaros, e plainos aridos, queimados e desertos; caminharam trabalhosamente pelos flancos de ladeiras formadas de rochas calcinadas, que representavam exactamente jactos de pedras arrojados por uma mina: estas projecções se dirigiam para um centro, onde se divisava uma cratera apagada.

Quando chegaram proximo a Ayn-Djedy, vestigio evidente do nome biblico Engaddi, reconheceram as ruinas de uma cidade consideravel, proximo das margens de um ribeiro, cobertas de formosas arvores. Ali viram pela primeira vez o fructo cuja estrutura deu logar á tradição das maçãs ou pomos de Sodoma, d'essa fructa maldicta que se converte em cinza e fumo quando se lhe toca. Estes pomos são de duas plantas differentes: uma, *asclepias procera* dá um fructo, que os arabes chamam *bortu-kan-esdum*, laranja de Sodoma; estando maduro abre quando o apertam com os dedos, e mostra milhares de pevides sustidas por umas plumas setosas, que se desvanecem como fumo. A outra planta é uma *salánca* magnifica de flores rosadas, cujas pequenas maçãs abrindo-se apresentam uns grãos denegridos que parecem cinza.

De Ayn-Djedy passaram a Massad, ultimo baluarte da independencia judaica, atravessando uma planicie cheia de montinhos de cinza arrojada pelas torrentes do inverno. Reconheceram muitas crateras bem caracterizadas e uma larga corrente de lava; descanzaram depois em Maiel-Embareheg, onde tambem se vêem ruinas consideraveis e um pequeno castello romano, ainda em bom estado de conservação. junto de uma deliciosa campina, cuja vegetação robusta fazia notavel contraste com o paiz devastado que acabavam de percorrer.

Proseguindo a jornada examinaram novas crateras e chegaram á montanha do Sal. Mesmo no flanco da rocha salina se descobrem as ruinas de uma cidade immensa que as tribus nomades denominam *Kherbet-Esdum*; é Sodoma: mais longe, no flanco do lado do noroeste, acham-se os restos de *Zoar*, a Sogor da *Biblia*. «Só um fortissimo repellão (diz o sabio viajante) podia fazer surgir esta mole salina de tres leguas de comprimento e quarenta e cinco braças de altura; n'este sacudimento, originado pela erupção volcanica que destruiu simultaneamente todas as cidades de Pentapolis seria aniquilada Sodoma com todos os seus habitantes.» Infinitude de entulhos envoltos em escorias e cinzas é o que se vê onde foi Sodoma.

A memoria da destruição das cidades de Pentapolis conservou-se até o presente entre os habitantes dos terrenos proximos ao Mar-Morto.

A chapada que se estende pela montanha do sal é mui perigosa em razão da natureza do solo que a fórma. As vezes a areia impregnada de sal, logo que este se desprende e dissolve com as aguas, perde toda a sua consistencia e falta debaixo dos pés; então não ha que esperar salvacão; o infeliz que está n'essa paragem afunda-se nos abysmos e perece abafado. Os nossos viajantes correram risco de acabarem d'este modo, por seu amor á sciencia.

O Sabkhab é uma planura lodosa e sem vegetação que cobre a ponta meridional do Mar-Morto: sete rios bastante caudales, entre elles um como o Jordão, regam essa planície; porém, logo que d'ella se sáe encontra-se uma verdadeira floresta dos tropicos com suas pantheras e seus colibris. Os viajantes atravessaram umas ruínas parecidas ás de Sodoma; eram os vestígios de outra cidade de Pentapolis, Seboín. D'ahi passaram ao paiz de Moab, onde visitaram os fragmentos de cidades edificadas em moles de lava, e que por assim dizer cobrem todas as vertentes dos valles. Na ponta do norte visitaram Schiban, ruína desamparada de todos os lados, e como que apegada á cuspide de um pinheiro sobranceiro á planície; o seu nome recorda quasi sem alteração o do rei de Bassan, que foi o conquistador do paiz de Moab.

Visinho d'este ponto os viajantes examinaram os restos de templo magnifico dedicado ao sol na epocha romana; é construido sobre as ruínas de outro templo moabita, edificado com pedaços de lava. Subindo para o norte, Mr. de Saulcy e seus companheiros viram muitas localidades *biblicas*, entre outras Adamah, cuja catastrophe e nome não se tem apagado da memoria dos arabes. Depois está Quas-Hadjlah, convento arruinado da epocha das cruzadas, que tem as paredes cobertas de pinturas do seculo 13.^o

Na extremidade septentrional do Mar-Morto reconheceram um ilhote bem pequeno cheio de entulhos, a que os arabes pozeram nome *Bedjom-Luth*, morouço de Loth. Por ultimo, costeando a praia atravessaram uma espaçosa cratera, ao pé da qual ha ruínas de bastante vulto que os beduinos chamam *Kerbet-Gumram*; são os vestígios de Gomorra, destruida pela cholera celeste.

Aqui termina esta interessante viagem. A catastrophe terrivel que aniquilou as cinco cidades potentes, criminosas entre todas as cidades, e que formavam a Pentapolis, a saber: Sodoma, Gomorra, Adamah, Seboín, e Segor, é hoje um facto incontestavel. Esta nova exploração é tanto mais preciosa quanto mais confirma todas as narrações da *Biblia*.

LENDAS HISTORICAS.

O DEMONIO DO LAGO.

II.

São passados seis annos. A joven Maria tem desabrochado, qual rustica flôr, nas margens do lago de Monteith. Educada no mosteiro de Inch-Mahome, só conhece do mundo os rochedos escavados, as estevas sylvestres e as ribas verdejantes, testemunhas dos seus passeios e dos seus folgares.

Levanta-se ao romper do dia: alegre e doudejante os seus passatempos são as corridas pelas veredas fragosas, semeadas de penedos, que até ás vezes lhe rasgam o plaid de setim preto, acolchetado com um broche, em que estão esculpidas as armas de Lorraine e da Escocia. O seu coração tambem não conhece outras commoções que as que lhe despertam as lendas e as balladas, e a musica, e a dansa.

Maria é a graciosa sylphide d'aquellas plagas, e os pescadores sorriem satisfeitos quando a vêem correr ou antes doudejar por entre o matto; é o duende tutelador d'aquella região. O seu semblante tão alvo e córado, o seu olhar tão brilhante e tão límpido, que começa de ensaiar-se n'aquelle fascinar de que depois tanto abusou; os louros cabellos a beijar-lhe em anneis o delicado pescoco; a voz insinuante, que

ora toma uma intonação imperiosa, ora exprime a mais refinada garridice; tudo n'ella encanta, seduz, arrebatá.

Os montanhezes, na estação formosa, deixam sempre ficar a porta de suas cabanas aberta; porque sabem que a filha de Jaques V ha de ir alguma vez pedir-lhes um bocado de pão negro, e ouvir-lhes as suas canções poeticas.

Outras vezes vê-se no lago a vogar graciosamente uma barca, de donde partem risadas estridentes, e ditos chistosos, em espirituoso tiroteio: é a formosa herdeira de Escocia a divertir-se com as suas companheiras. Maria tem uma pequena côrte composta de meninas todas da sua idade e do seu nome. A rainha-mãe, como mui devota que era da Virgem, quiz que todas as que acompanhassem sua filha tivessem as mesmas razões para buscar a intercessão da Mãe de Deus. Por consequencia todas se chamavam Maria; e esta côrte em miniatura era consagrada ao mesmo culto.

Muitas vezes, pois, todas as pequenas Marias mettiam-se n'uma barca com a sua juvenil rainha, e faziam-na vogar sobre o lago de Monteith; e as aguas esverdeadas e profundas serviam de espelho aos seus rostosinhos gaiatos.

Um dia soube a joven rainha que ia partir para França. Em sua fronte tão meiga e tão pura punha Deus duas corôas; e promettiam-lhe, em S. Germano, um esposo da sua idade, o delphim Francisco. Com quanto a idéa de viajar, de mudar de clima, de sair d'aquelle mosteiro, que tinha sido para ella um tão triste berço, fizesse arfar-lhe o coração, nem por isso tinha menos saudades do seu formoso lago, e das verdes estevas, e dos tristes campos que alegrára com os seus folgares. Ia ver a patria de sua mãe, e dos seus tios de Guise, que lhe mandavam tão lindos presentes, e lhe escreviam tão bellas palavras; ia, arceiada de gentis galas, tomar um lugar eminente na côrte de S. Germano; mas era-lhe mister renunciar á liberdade. A pequena montanheza ia tornar-se uma verdadeira rainha; isto é, não poderia jámais sair, e correr á sua vontade; até o delphim Francisco, esse futuro socio de brinquedos, a atterrava. Se elle tinha de ser um dia seu marido! Por isso Maria quiz dar um ultimo passeio pelo seu querido lago, e as suas quatro companheiras ordinarias Maria Fleming, Maria Seaton, Maria Hivington, Maria Reatoun, conduziram-na á barca que a esperava.

N'este dia estava o céu carregado e triste como o coração da joven rainha. A Escocia parecia tomar lucto; o lago agitava-se como a murmurar uma queixa sentida; os pescadores, que tinham accorrido para assistir ao derradeiro passeio da sua fada, contemplavam calados as cinco Marias, sem soltar as costumadas acclamações. A rainha, sobre quem pesava toda aquella tristeza exterior, tentou rir, excitar as suas amigas, e não conseguindo distraí-las quiz começar uma ballada; mas a sua voz não era agora tão pura, nem tão clara; não se atreveu a continuar, e ao primeiro estribilho calou-se; depois deitou os braços ao pescoco de Maria Fleming, que estava ao pé d'ella, e parecia a mais triste, e disse-lhe:

— Olha, minha queridinha, não me faças chorar; porque não pensaremos nós nas terras que vamos vêr?

— Ah! respondeu Maria Fleming, póde lá haver terras bonitas sem este lago?

— Pobre lago! acudiu a rainha, bem quizera poder leval-o comigo! E inclinando-se para fóra da borda, metteu a rosea mãosinha na agua esverdeada, encheu-a, e levou-a á boca.

— Tomae sentido, minha rainha, disse uma das meninas, não vos inclineis tanto, que o Kelpy, o demonio do lago, póde agarrar-vos!

— O Kelpy! replicou Maria Stuart, esse é um demonio bom, que sempre se sorriu para mim, e sempre me quiz muito! não me ha de fazer mal!

— Se vos quer muito, mais razões deveis ter para vos arreceiardes d'elle.

— Minhas amigas, disse então a rainha, digâmos adeus ao demonio do lago, a esse velho companheiro, que nos não póde seguir, e que nunca mais ha de ouvir as nossas canções.

Então Maria Stuart ergueu-se na barca, que as vagas enovelladas começavam de balouçar, e a joven feitriceira dirigiu-se n'estes termos ao mysterioso tyranno do lago.

— O velho Kelpy, tu que és negro como a noite, e que tens os compridos braços cobertos de limos, e galopas sobre as vagas qual fogoso corcel, e mostras a humana cabeça aos affogados, e com as geladas mãos affundas as barcas perdidas; demonio, que sempre me affagaste — adeus — e em lembrança da tua muito amada Maria, recebe este broche com as armas de Escocia e de Lorraine, que tem estado junto do meu peito, e vae tocar o teu.

E arrancando do plaid o broche que o acolcheta-vá, Maria atirou-o ao lago; depois poz-se de joelhos, e mergulhou a vista na profundidade das aguas, esperando vêr o Kelpy. Todas as suas companheiras a imitaram, e de tal modo fizeram tombar a barca que as vagas sollevantadas pelo vento quasi lhes beijavam os rostos.

De repente, ou fosse porque os remadores atterrados de tão imprudente brinquedo, e desesperados de não terem feito algum caso das suas recommendações, quizessem obrigar aquellas estouvadinhas a pôr-lhe termo, ou fosse porque tivesse augmentado o temporal, ou fosse finalmente porque o demonio quizesse tornar a Maria Stuart agouro por despedida, sentiu-se um grande abalo nos costados da barca, e elevou-se uma forte columna de agua que as alagou a todas. Maria soltou um grito, e caiu pallida e semi-morta de susto nos braços das suas companheiras, murmurando que vira perfeitamente o Kelpy, e que o Centauro a travára dos braços, e a quizera levar consigo.

Forcejaram por a socegar, sem contudo estarem isentas de medo; tanto que se não atreviam a encarar o lago, receiando vêr os olhos verdes do monstro, esses olhos terriveis que trazem infallivel quebranto, e que até agouram a morte a quem os encontra. Maria Stuart essa, ora entrava n'um tremor, ora corria a mão pela cintura, como para experimentar o effeito do aperto que dizia ter sentido. Ella víra mui distinctamente o demonio agarrar a barca e sacudil-a; e asseverava que no momento em que soltára um grande grito, encommendando-se á Virgem, de quem era mui devota tambem, o monstro, que, pelo contrario, tem grande temor da Mãe de Deus, mergulhára, deitando-lhe contudo um olhar terrivel.

A barca em breve chégou perto do mosteiro. Nenhuma se atreveu a contar o incidente do seu passeio. A rainha essa tinha o coração ainda mais comprimido. O presentimento acabou de agourar aquella viagem de França, com que debalde tentavam fascinal-a. Quando a deitaram tinha febre, e em toda a noite, (que esteve um temporal desfeito) ella julgava, no assobiar do vento, e no mugir das aguas, ouvir as vozes do Kelpy a chamal-a, e a reclamar a sua joven noiva.

A sua aia, que não estava pouco assustada com a

perturbação da sua real pupilla, velou toda a noite junto do leito, e ouviu-a murmurar: « Ó meu Deus, que me tendes destinado para marido o formoso delphim Francisco, não consintaes que eu fique aqui sendo a noiva do demonio de Monteith. »

Pela madrugada o somno affugentou-lhe os terrores; mas a partida para França devia ter logar n'esse mesmo dia, e quando deu a hora, Maria deixou-se conduzir machinalmente, e fechou os olhos assim que chegou á vista do lago.

(Continúa.)

Remedio para o morrão das searas. — Acontecerem muitas vezes as searas de trigo acommettidas de uma terrivel molestia, a que os lavradores chamam *morrão*, e que não só acaba com a espiga atacada, mas affecta toda a colheita, destruindo a boa apparencia do grão ou da farinha.

Por vezes se havia tentado curar esta gravissima enfermidade, sem que se colhesse das diligencias e disvellos empregados pelos praticos um resultado decisivo. O sr. commendador Marques Rodrigues, curioso e opulento lavrador, achou um processo que com ser mui simples, economico, e da mais facil execução, cura radicalmente aquella doença.

Recommendamol-o aos agricultores, podendo affiançar-lhes o bom resultado da receita do sr. Marques, que tem já a sancção da experiencia de seis annos.

Eis a receita:

« Dissolve-se uma porção da sal em agua fria, de modo que n'ella aboie um ovo.

« Lave-se o trigo n'esta salmoura. Todos os grãos doentes sobrenadam immediatamente, e lançam-se fóra.

« Retira-se o trigo, e deita-se para o lado, continuando com o mesmo processo até que toda a semente esteja lavada.

« Depois de estar quasi sêcca, envolve-se em cal em pó, e semeia-se n'este estado. »

O processo do sr. Marques tem ainda a preciosa vantagem de affugentar das sementeiras os passaros damninhos, que lhe não tocam sendo as sementes assim preparadas.

— Não receeis seguir o verdadeiro progresso do espirito humano, que confia, não a exercitos commandados por capitães mais ou menos peritos, não á força bruta, mas aos nobres combates do espirito, ás lutas da intelligencia, o destino e a direcção das sociedades.

BERRYER.

— Ao poder absoluto chamou um politico animal desbocado, que corre a precipitar-se sem o freio da razão, sem as redeas da politica, entendidas na vara da justiça, e sem os estribos em que se deve segurar a prudencia, e assim não devem os poderosos ter por dita o conservar tudo o que intentam.

Desgraçado é o poder, quando o poderoso cuida que tudo deve e póde obrar; o Demonio, em quanto não teve todo o poder de Deus, respeitou as virtudes do sol, e nem se lhe atreveu; e como se viu com poder absoluto logo o destruiu.

PADRE A. VIEIRA, carta ao conde de C. Melhor.

— O reino de Deus não consiste em uma escrupulosa observancia de pequenas formalidades; consiste para cada um nas virtudes proprias do seu estado.

FÉNÉLON.